



LUTA E RESISTÊNCIA NA PRODUÇÃO DOS ATINGIDOS POR GRANDES PROJETOS EM BARCARENA, NO PARÁ

Robert Damasceno Monteiro Rodrigues¹
Leandro Passarinho Reis Junior²
Flávia Cristina Silveira Lemos³

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar um recorte de uma análise sobre o modo como são produzidos os atingidos por grandes projetos no município de Barcarena, no estado do Pará, o que pode ser observado a partir de reflexões, histórias, apontamentos e experiências dos próprios atingidos em relação aos seus processos de luta e resistência. A produção dos atingidos é concebida na perspectiva da psicologia social crítica e, portanto, fundamenta-se nos pressupostos do materialismo histórico-dialético, por considerar os sujeitos como produtores da história e da realidade e, deste modo, de si próprios. Ao analisar as transformações nos modos de vida dos atingidos, o artigo conclui que é um conjunto de fatores sociais, econômicos, ideológicos, objetivos e subjetivos, macro e microestruturais que se articulam para determinar a produção dos atingidos na medida em que eles lutam e resistem contra os grandes projetos.

Palavras-chave: Atingidos; grandes projetos; Barcarena; Amazônia; psicologia social crítica.

FIGHT AND RESISTANCE OF THE AFFECTED BY THE BIG PROJECTS IN BARCARENA, AT PARÁ

Abstract

This article has as an object to present an analysis clipping about how the affected by big projects in Barcarena, in the state of Pará, are made, coming from reflections, history, notes and experience from the affecteds related to the process of fight and resistance. The production of the affected is conceive in social-critical psychology perspective and, therefore, is based in the presumed of the historical-dialectical materialism, for considered the person as producers of history and reality and, in that way, of their own. When analyzing the transformations in the way of living of the affected we conclude that are a series of factors social, economic, ideological, object and subject, macro and microstructural that articulate to determine the production of the affected in the measure that they fight and resist against the big projects.

Keywords: Affecteds; big projects; Barcarena; Amazon; social-critical psychology.

Artigo recebido em: 31/10/2022 Aprovado em: 31/03/2023
DOI: <http://dx.doi.org/10.18764/2178-2865.v27n1.2023.9>

¹ Mestre em psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPA. E-MAIL: robertdr.psi@gmail.com

² Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPA. EMAIL: lpassarinho28@gmail.com

³ Profa. Dra. do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPA. EMAIL: flaviacslemos@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Nenhuma luta, por mais local ou regionalizada que seja, tem um fim em si mesma. A história e o modo como os grandes projetos foram pensados, implantados e executados na região amazônica, para além das particularidades que possam ter em cada localidade do grande território amazônico, guardam incontáveis semelhanças entre si, sendo uma delas o fato de que, em todos estes processos, foram produzidos atingidos e atingidas que, por sua vez, resistiram e resistem aos grandes projetos.

Este artigo é fruto de uma pesquisa de mestrado desenvolvida junto a comunidades tradicionais de Barcarena, no estado do Pará, onde objetivamos analisar o modo como são produzidos os atingidos pelos grandes projetos, neste município. Em um estudo feito a partir de entrevistas, observações e diários de campo, os atingidos participaram não apenas como interlocutores ou informantes, mas como protagonistas da investigação, fornecendo através de suas histórias, seus modos de vida, suas análises, experiências, sentimentos e reflexões sobre a realidade, os materiais necessários para o desenvolvimento da pesquisa. Aos atingidos entrevistados, daremos aqui os nomes de Amazonas, Tapajós, Tocantins e Xingu.

Falamos a partir da psicologia e, mais especificamente, da psicologia social crítica, considerando as especificidades da formação do ser social a partir dos pressupostos teórico-metodológico-políticos do materialismo histórico-dialético. Um campo que se desenvolve na psicologia, criticando-a e propondo uma abordagem crítica da realidade, concebendo a produção dos sujeitos na perspectiva da unidade, sem dissociar as suas dimensões subjetivas e objetivas, individuais e coletivas, econômicas e ideológicas, macro e microestruturais (VAISMAN, 2009; CHAGAS, 2013).

A psicologia social crítica, portanto, na medida em que se fundamenta na realidade social da América Latina, através da contribuição de importantes psicólogas e psicólogos como Martín Baró, Maritza Montero, González-Rey e Silvia Lane, ganha materialidade em abordagens como a psicologia comunitária e a psicologia da libertação, constituindo-se em um modo de pensar e intervir na realidade social enquanto uma práxis, tendo em vista a superação e a transformação radical das condições estruturantes que determinam a exploração, a opressão e a dominação na sociedade capitalista (LANE, 1989; MARTÍN-BARÓ, 2013).

Assim, é através desse prisma que buscamos compreender o modo como ocorre a produção dos atingidos em Barcarena, analisando as transformações provocadas pelos grandes projetos em seus modos de vida. Esta categoria – modos de vida – que está presente em diversos campos das ciências sociais e humanas, assumindo os mais variados significados e conotações, é aqui concebida conforme Marx & Engels (2007, p. 87) utilizam n'A *Ideologia Alemã*, referindo-se à síntese

do que seriam as condições de produção e reprodução da realidade pelos próprios seres humanos e, portanto, de si próprios. Nesta perspectiva, os sujeitos ao mesmo tempo em que transformam a realidade, são transformados por ela; isto quer dizer que, ao produzirem a realidade, produzem também a si próprios.

Ora, se considerarmos a luta e a resistência como um dos principais fatores de transformação da realidade – afinal, “A história de todas as sociedades até agora tem sido a história das lutas de classe” (MARX; ENGELS, 2010 p. 84) – os atingidos e as atingidas são, sem dúvida, os sujeitos fundamentais da sua produção. Na própria definição de quem são ou o que são atingidos, a luta e a resistência se constituem em um fator determinante para delimitar a amplitude do conceito de atingido.

De acordo com o que já foi demonstrado pela Comissão Mundial de Barragens (CMB/ONU, 2000) e de estudos do Conselho Nacional de Direitos da Pessoa Humana (CNDH), as violações aos direitos das populações atingidas estão intimamente relacionadas ao conceito de atingido. Do mesmo modo, segundo Vainer (2005) e MAB (2019) a noção de atingido é um conceito em disputa, que diz respeito à legitimação de direitos e de seus detentores. Entretanto, a história demonstra que, de um lado, é só a luta que garante os direitos dos atingidos e, de outro, esta é uma luta desigual, onde as forças políticas e econômicas em disputa são também determinantes e, na maioria das vezes, corroboram para um esvaziamento da amplitude necessária da noção de atingidos e a consequente violação de seus direitos.

O Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) é um exemplo que, ao longo dos anos, vem ampliando e qualificando sua definição de atingidos na medida em que foi aprofundando a sua estratégia de luta. Das primeiras reivindicações nos anos 80 por indenizações justas e reassentamentos para todos os atingidos, consagradas em palavras de ordem como “Terra por Terra” e “Terra sim, Barragens não!”, o movimento, ao aprofundar a sua compreensão sobre o modelo energético brasileiro e propor um projeto de transformação radical da sociedade, ao longo dos anos 90 e principalmente a partir dos anos 2000, passou a defender um Projeto Energético Popular, onde água e energia não são mercadorias e devem servir para a distribuição da riqueza, com soberania e controle popular (MAB, 2021).

Deste modo, na medida em que o MAB ampliou a sua formulação estratégica, enquanto movimento social nacional, também alargou a sua base social e, conseqüentemente, a sua concepção de atingido. O movimento considera a totalidade dos atingidos pelos grandes projetos, desde os moradores das “barrancas dos rios” até os trabalhadores dos centros urbanos “atingidos pelo preço da luz” (FOSCHIERA, 2009). Ao mesmo tempo, organiza atingidos pelo conjunto dos grandes projetos em todo o Brasil, não mais apenas de hidrelétricas, mas também de projetos minerários e das diversas

ordens de infraestrutura. Fundamental, também, é a dimensão da “identidade de resistência” (BOGO, 2010) construída pelo movimento, que sedimenta o pertencimento dos atingidos e, identificando-lhes como protagonistas na luta por seus direitos, também os coloca como sujeitos ativos da transformação social.

A trajetória do MAB em muito se confunde com o processo histórico de ampliação do conceito de atingido, no entanto, o próprio movimento considera que, ao longo dos anos, foram conquistadas vitórias, mas não direitos e, estes, por sua vez, só são conquistados com luta (MAB, 2013). Dessa forma, apesar de alguns avanços parciais, no campo político-institucional, ainda há muito o que progredir para que uma concepção de atingido abrangente e asseguradora de direitos seja incorporada por empresas, entidades de consultoria ambiental, agências licenciadoras e governos. Segundo Zhouri (2019), é em torno da identificação dos atingidos que ocorrem os maiores conflitos, principalmente quando estes se constituem em sujeitos que enfrentam processos históricos de vulnerabilização, como camponeses, pescadores, ribeirinhos, pequenos produtores rurais, indígenas e quilombolas – o caso dos atingidos em Barcarena.

É neste sentido que buscamos contribuir, através deste artigo, tanto com o esforço na direção da elaboração do conceito de atingido, verdadeiramente amplo e garantidor de direitos, como com a própria luta dos atingidos em Barcarena, sistematizando algumas de suas experiências a partir da análise sobre o modo como eles são produzidos e, ao mesmo tempo, produzem-se a si mesmos, resistindo diariamente aos grandes projetos na Amazônia e em Barcarena.

2 OS GRANDES PROJETOS NA AMAZÔNIA E EM BARCARENA

Em nosso estudo, partimos do entendimento de que os grandes projetos fazem parte de um outro projeto ainda maior, que corresponde à estratégia do capital na Amazônia. Quer dizer, os grandes são um meio para atingir um fim, eles representam, na prática, os interesses de monopólios internacionais que realizam a acumulação por espoliação na Amazônia, visando à geração de lucros extraordinários nos circuitos mundiais do capital em sua fase imperialista, financeira e neoliberal (HARVEY, 2005; HAZEU; RODRIGUES, 2019).

Ao mesmo tempo, os grandes projetos têm um correlato material e imediato, que é a produção em larga escala de atingidos e atingidas. Em termos marxistas, podemos dizer que os grandes projetos na Amazônia são determinantes para a produção dos atingidos, do mesmo modo, é a lógica capitalista de produção de mercadorias que sobredetermina (ALTHUSSER, 1979), tanto a existência dos grandes projetos, quanto a produção de atingidos em todo o mundo.

Desde 2008 o capitalismo dos países ocidentais vem enfrentando uma grave crise. Na tentativa de superá-la, vários movimentos foram efetivados, como o realinhamento de blocos econômicos – no caso da União Europeia – e uma nova ofensiva contra os países latino-americanos, no caso dos Estados Unidos. No Brasil, o golpe de 2016, ruindo os avanços democráticos e de garantia de direitos duramente conquistados desde a Constituição de 1988 (MIGUEL, 2019), representou também o aprofundamento e aceleração da política de desregulamentação ambiental associada à construção de grandes obras de infraestrutura voltadas ao mercado externo e entrega dos recursos naturais para a iniciativa privada.

A Amazônia, nesse contexto, reassumiu sua posição estratégica. Dois exemplos são as recentes proposições, por parte do Governo Federal, de abertura da Reserva Nacional de Cobre e Associados (RENCA) para exploração mineral e da execução do Projeto Barão do Rio Branco, que visa à extensão da BR-163 até a fronteira com o Suriname, a construção de uma ponte sobre o rio Amazonas e de uma hidrelétrica no rio Trombetas, no Pará (FEARNSIDE, 2019).

Nem mesmo a pandemia de Covid-19 que, segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI, 2020) levou a uma queda de 4,4% na economia mundial, impondo recuperações incertas e desiguais entre as nações – o único país com projeções positivas era a China – enfraqueceu ou diminuiu o ritmo de exploração dos recursos naturais no Brasil, em especial na região amazônica. Pelo contrário, o setor de mineração, por exemplo, foi considerado como o primeiro que responderia pelo crescimento econômico brasileiro (PENIDO, 2020). Em 2020, de acordo com o Sindicato das Indústrias Minerárias do Pará (SIMINERAL), as indústrias de mineração e transformação mineral presentes no estado exportaram, juntas, 18,562 bilhões de dólares, um valor 15% maior que o ano anterior, representando 90% das exportações estaduais e 38% do total exportado pela mineração nacional (SIMINERAL, 2020).

Estamos falando, portanto, de um conjunto de grandes projetos, que atuam de forma articulada e são orientados, todos, por uma mesma estratégia. São as indústrias ligadas à mineração, são as hidrelétricas, as termelétricas, as grandes estradas, as ferrovias, as hidrovias, os portos; grandes projetos todos incutidos em um único projeto – o do capitalismo, que implementa uma estratégia na Amazônia, através da privatização e financeirização dos seus recursos naturais, visando, em última medida, a produção de mercadorias e geração de lucros.

Guardadas, deste modo, as devidas diferenças entre um atingido pela Hydro-Alunorte em Barcarena, um atingido pela barragem Belo Monte/Norte Energia em Altamira ou um atingido pelo porto da Cargil em Santarém, uma das características que os unifica é que todos são atingidos por grandes projetos voltados à implementação da estratégia capitalista na Amazônia.

Barcarena, por sua vez, é uma cidade do Pará localizada a 40km de Belém, a capital do estado. É banhada pelas baías do Marajó e do Guajará, ocupando atualmente uma área de 401km². Segundo Carmo (2020), ela é uma das cidades de maior expansão na Amazônia Oriental (região que compreende os estados do Pará, Amapá, Tocantins e parte do Maranhão); isto em consequência dos grandes projetos que, desde a década de 1980, vêm sendo implantados no município, provocando intensas, profundas e duradouras transformações em sua realidade social, econômica, política, cultural e ambiental e produzindo, ao longo do tempo, milhares de pessoas como atingidas.

Algumas características são comuns e, ao mesmo tempo, determinantes para a compreensão dos grandes projetos, como o grande volume de capitais e mão de obra investidos, a sua implantação como enclaves, dissociados das forças locais, sua conexão com sistemas econômicos de escala planetária, seu processo expansionista, associado a crimes contra a terra e os direitos humanos, o risco e imprevisibilidade produtores de danos sociais e ambientais (BECKER, 1997; CASTRO, 2019).

Os atingidos, contudo, têm as suas próprias definições sobre os grandes projetos e suas consequências e, especialmente, aqueles instalados em Barcarena, que ao mesmo tempo em que corroboram as características acima, também possuem suas especificidades. Tocantins nos dá uma noção da magnitude da construção dos grandes projetos, ao relatar sobre a quantidade de empregos para trabalhar nos canteiros de obra em Barcarena:

Essa situação aqui toda ela trouxe, de princípio, muitas pessoas pra Barcarena. Tinham mais de 10.000 empregos. Eram canteiros e canteiros de obra aí pra fazer... primeiro fazer... hoje a Vila dos Cabanos, né? Muitos prédios; as casas pras pessoas, pros operários que iam trabalhar nas fábricas se alojarem. Depois precisava dos alojamentos pra essas pessoas ficarem, né? Dos alojamento, cozinha (TOCANTINS, 2020).

Enquanto isso, Tapajós conta a história de como os grandes projetos chegaram ao município desconsiderando totalmente os modos de vida das famílias tradicionais. Suas formas de moradia não foram respeitadas, tão pouco o significado que atribuíam à terra e aos rios, sua relação com o território e sua concepção de riqueza. Enquanto se dissociam das realidades locais, eles também promovem a degradação do meio ambiente pela apropriação privada dos recursos naturais, porém sem proporcionar a geração de qualquer tipo de valor agregado que compense as perdas ocasionadas, produzindo situações irreversíveis.

As empresas trazem muito impacto negativo pra dentro das comunidades; porque elas não respeitam a comunidade, entendeu? Tudo que a gente tinha, pra ela não significava nada. [...] Tem situações hoje, em relação aos território, irreversível. Não tem como voltar mais, não tem. Eu nem acredito que esse rio, hoje, possa ser revertido essa situação. É uma situação irreversível, porque é anos e anos aí impactado, entendeu? (TAPAJÓS, 2021).

Já Amazonas (2021), expressa, do seu ponto de vista, a dinâmica global associada aos grandes projetos que, apesar de possuírem as suas estruturas físicas nos locais onde realizam a exploração dos recursos naturais – produzindo no mais das vezes produtos primários ou semimanufaturados – realizam o valor dessas mercadorias em sistemas de comércio internacionais, onde empresas de diversas nacionalidades se associam e, os lucros de suas transações ficam em seus países de origem. Para ela, “esses grandes projetos são grandes projetos sim, mas que levam os lucros tudo pra fora”; e complementa: “Porque esse progresso ele não é daqui. Ele é daí de fora pra cá. Vai beneficiar? Sim! É Argentina, Argélia, Noruega, Estados Unidos, China, Japão”.

O processo que envolve, por sua vez, tanto a chegada de trabalhadores vindos de outras regiões para se empregar nos grandes projetos, quanto as ocupações de terra executadas por estas pessoas, por não terem onde morar, é descrito por Xingu (2020):

Vai ter várias e várias outras ocupações por aí, né? E nas ocupações a gente já sabe. Ah, o projeto chama o povo de fora, né? Chama o povo de fora, o povo de fora vem; vai ocupar seja onde for pra ele ficar, porque o prefeito não vai dar o quitinete pra ele, não vai dar um domicílio pra ele. [...] Muitos vem mesmo, mas não consegue; já não tem nem como voltar; já vai ficando, né?

Mais uma vez, os atingidos nos ajudam a dar materialidade aos aspectos que compõem a complexidade dos grandes projetos. Em seus modos de vida, em suas lutas cotidianas, em seus modos de produzir os seus meios de subsistência, na apreensão ante o imprevisível, eles, a todo momento, estão caracterizando – em seus termos, em suas palavras e formulações – os grandes projetos não como algo abstrato, mas concreto, porque se fazem sentir concretamente na imediatividade de seu dia a dia. Amazonas (2021) chama atenção para o processo de expansão, crescimento e apropriação de novos territórios motivado pela necessidade do grande projeto produzir mais, bem como as consequências associadas a essa dinâmica expansionista:

Quando a gente foi fazer aquela movimentação lá na Hydro, tu viu que era cheio de árvore essa beirada aqui tudinho lá. Se você for agora, você vai ver que tá tudo desmatado. [...] Tão desmatando tudo, tão acabando com tudo. Desmatando, acabando com nascente de rio e tudo mais. Acabando. Mas isso é o progresso, né?

Da mesma forma, o conjunto de crimes relacionados, tanto à apropriação privada dos territórios por parte dos grandes projetos – onde o que entra em jogo é não apenas a terra das famílias, mas também as suas vidas, principalmente daqueles que se negam a sair dos seus locais de moradia e produção ou lideram processos coletivos de resistência – quanto a contaminação de solos, de rios, inviabilizando formas tradicionais de subsistência, também é descrito pelos atingidos. Segundo Amazonas (2021), “o primeiro grande crime foi a retirada do povo” e Tapajós (2021) acrescenta: “quando chegou o empreendimento eles não quiseram saber disso. Foram expulsando as famílias;

foram destruindo tudo o que tinha. Destruindo sítio, destruindo roça, destruindo rio, destruindo tudo”. Toda essa destruição, por seu turno, impõe sérias dificuldades para as famílias sobreviverem, pois já não podem se alimentar do que, antes, eram as suas principais fontes de nutrição. “A gente, hoje, não pode mais pegar o peixe desse rio, o camarão, porque é muito comprometido de metais e outros rejeitos que têm dentro desse rio; além do esgoto” (TAPAJÓS, 2021).

Aos deslocamentos forçados e à contaminação do meio ambiente, soma-se também a insegurança, a violência e, para os atingidos, a possibilidade de ser morto por não querer sair de seu território ou se contrapor aos grandes projetos. Amazonas (2021), em meio às ameaças que vive, como liderança local, avalia que, “depois desses grandes projetos, depois dessas empresas todas que vieram pra cá, veio muita gente que mata por um prato de comida”; ela reconhece os riscos que corre e sabe que, a sua luta, a sua posição contrária às violações de direitos dos atingidos, choca-se frontalmente com os interesses econômicos que determinam a forma de operar dos grandes projetos. “E sabe lá quantas vezes Deus não me livrou aqui na minha porta mesmo. Quantas vezes, porque pela forma como eu falo, de querer o que é de direito, o que é bom” (AMAZONAS, 2021).

As externalidades referidas por Castro (2019), como efeitos sociais, econômicos e ambientais desencadeados pelos grandes projetos, que se fazem sentir na realidade imediata das populações locais, mas que as empresas não reconhecem como suas responsabilidades, são descritas da seguinte forma por Tocantins (2020):

Aí isso também é.... Houve assim uma... um processo de desmatamento, né? De se diz assim.... de poluição. Houve problemas de usuários... a droga que chega, né? O pessoal se mete também no meio desse pessoal. Houve também a comercialização, de muitas pessoas pegar lote de terra e vender.

A esses problemas, que transformam os modos de vida dos habitantes locais, interferem na sua cultura, em suas relações sociais, na sua subsistência, soma-se também a imprevisibilidade, o risco constante de que ocorram, a qualquer momento, novas situações que podem ocasionar efeitos ainda mais drásticos, rápidos e violentos sobre o meio ambiente e a vida das pessoas. Os atingidos em Barcarena olham para as bacias de rejeito da Hydro e sentem medo, pois sabem o que já aconteceu em outras cidades que também possuem barragens da mineração; viram a morte, o desespero, as perdas e a destruição. Eles se sentem inseguros e desamparados, como Xingu (2020):

Eu sinto muita preocupação, mano. Eu moro aqui, eu amo morar aqui, mas ao mesmo tempo eu fico muito preocupada, porque esse lado aqui tá... é o acesso pra Hydro; essas terras aqui vem daí, e o que vier daí mano, vai atingir todo mundo pra cá; aí o nosso rio não vai prestar mais.

O rompimento de uma barragem é uma situação limite que mostra uma das faces mais perversas dos grandes projetos; é fruto da ganância, da ânsia por lucro e da produção desenfreada de

mercadorias que só deixa a lama para os atingidos. Quando um crime desses ocorre, saltam aos olhos, como se entrassem triunfantes no teatro dantesco, todas as demais características dos grandes projetos, sistematizadas a partir das pesquisas que os estudam, mas expressas na realidade mesma dos atingidos. É contra o conjunto de crimes praticados pelos grandes projetos em Barcarena que os atingidos lutam e resistem, e é através dessa luta e dessa resistência que, transformando as suas realidades, transformam-se e produzem a si mesmos como atingidos e atingidas.

3 LUTAS, RESISTÊNCIAS E A PRODUÇÃO DE ATINGIDOS

Na medida em que, através da luta, muitos atingidos buscam transformar as realidades onde estão inseridos, eles também transformam a si mesmos. Este é o caso dos atingidos interlocutores desta pesquisa e de tantos outros que, assim como eles, organizam-se, lutam e resistem contra os grandes projetos e em defesa de seus direitos, da vida e do meio ambiente. A luta é, portanto, um dos principais fatores que determinam a produção destes atingidos. Através da luta esta produção acontece como síntese do imperativo marxiano de que os homens fazem a sua própria história (MARX, 2015), portanto, fazem a si mesmos, são os sujeitos da sua produção. Mas a luta é resultado das contradições e antagonismos que opõe os atingidos e os grandes projetos; logo, os primeiros são produzidos, e produzem-se a si mesmos, como resultado da existência material destes últimos.

O modo de vida dos atingidos, após os grandes projetos, está inteiramente impregnado de luta. Como Amazonas (2021), que resume a sua vida como “uma vida de luta. É lutar pra tudo”. Enquanto isso, Tapajós (2021), ao falar das transformações provocadas nos modos de vida dos atingidos pelos grandes projetos e, prevendo os desafios, dificuldades e enfrentamentos que se avizinham com os novos que estão chegando, formula que “A gente tem luta em movimento dentro de Barcarena”. Luta em movimento é uma expressão que ele mesmo criou para designar, ao mesmo tempo, a dinâmica e constância dos processos de resistência dos atingidos em Barcarena. A luta não apenas não para, como está em constante transformação, pois a cada dia são novos agentes, acontecimentos e contradições que violam os direitos dos atingidos na região.

Mas essa luta não é apenas daqueles que hoje em dia encampam a resistência, ela é um legado histórico daqueles que lutaram – como também daqueles que não conseguiram ou não puderam lutar – desde que os grandes projetos foram anunciados, chegaram e começaram a se implantar em Barcarena. Segundo Leal (2016), a resistência é historicamente um denominador comum ao conjunto dos grandes projetos na Amazônia, sendo exercida de diversos modos, com métodos e formas de luta diferenciadas em cada contexto específico, mas sempre denunciando, ao mesmo

tempo, a estratégia de saque e destruição do capital imperialista e as violências praticadas contra os povos e comunidades locais.

É recorrente os atingidos relatarem as dificuldades para fazer a luta logo quando os grandes projetos começaram a ser planejados e implantados na região de Barcarena, isto é, entre as décadas de 1970 e 80. As falas de Tocantins e Amazonas evidenciam alguns elementos importantes para compreender a conjuntura que impunha estas dificuldades:

E na... na década de 70. Final da década de 70, que começou já fazer todo esse estudo aqui; que o pessoal começou a vir cavar buraco aí pra análise de terra... do solo, né? Fazer análise do solo. Aí a gente não tinha uma organização, né? Era na época da ditadura, própria militar.... A gente não tinha uma associação; não tinha um sindicato pra discutir, pra fazer um debate acerca do que eram esses grandes projetos (TOCANTINS, 2020).

O povo lá de 80 eles não lutaram. Meu pai não lutou, meu avô não lutou, minha mãe não lutou, meus tios.... E os parentes deles lá, os entes querido deles lá que tudo já foram embora. E assim, eles não lutaram; porque também era o final da ditadura, né? (AMAZONAS, 2021).

Os ancestrais dos atingidos não lutaram – não porque eles não quisessem – mas porque era o final da ditadura militar, quando, segundo Xingu (2020), “Tudo era muito difícil; nossa, não podia nem reclamar”. Os governos militares impunham um sistema de silenciamento, que através da censura e dos aparelhos repressivos do Estado, criminalizavam as lutas sociais e colocavam na clandestinidade todos aqueles que se opusessem aos seus projetos desenvolvimentistas. Os militares foram os principais responsáveis pela difusão da ideologia do progresso nacional, mas que tinham o objetivo principal de garantir o controle imperialista sobre o Brasil e seus recursos naturais. Este é o contexto mais geral dos grandes projetos em Barcarena e da sina dos habitantes locais, quando muitos foram iludidos e enganados, enquanto outros não tiveram chances de lutar – todos, porém, foram produzidos como atingidos.

Do mesmo modo, a falta de informações sobre os empreendimentos e o processo sistemático de ignorar a existência e a opinião das comunidades tradicionais foi outra forma encontrada para dificultar e até mesmo impedir as sublevações populares. Junto a isso, a falta de espaços coletivos de organização foi um outro fator que contribuiu para arrefecer os movimentos de resistência contra os grandes projetos. No entanto, houve resistência. Palheta (2004) sistematiza uma série de lutas empreendidas pelas associações de moradores e trabalhadores rurais quando do processo de instalação das primeiras indústrias de transformação mineral em Barcarena, com destaque para as ações da Associação dos Desapropriados de Barcarena (ADEBAR), fundada em 1984 e com o objetivo principal de reivindicar indenizações justas pelas desapropriações forçadas e organizar os moradores ameaçados por novos deslocamentos para lutarem pela garantia dos seus direitos.

Existe, portanto, também um legado de luta, principalmente das comunidades tradicionais descendentes de indígenas e quilombolas em Barcarena; um legado que se materializa como acúmulo histórico para sintetizar os processos atuais de resistência em torno dos direitos dos atingidos, da afirmação de identidades e do enfrentamento aos novos grandes projetos. Segundo Tapajós (2021):

Hoje, graças a Deus, que a nossa evolução hoje, dos filhos, que a maioria dos herdeiros das terras mesmo de Barcarena já morreram. Hoje são os filhos que lutam. Então hoje, que a gente pegou a briga dos pais, dos avós... a gente pegou a briga deles hoje e graças a Deus a gente evoluiu. Então hoje, com a nossa evolução, a gente hoje tá defendendo aquilo que era de direito.

A evolução a que Tapajós se refere diz respeito ao processo histórico de aprendizado dos atingidos a partir de sua experiência concreta de luta contra os grandes projetos. Eles aprenderam na prática que a única forma de garantir direitos é através da organização e da luta popular, pois “essas grandes empresas aí não é só flores não, né? A maioria da parte é danos mesmo pro nosso ambiente, né?” (XINGU, 2020). Do mesmo modo, de acordo com Tocantins (2020), os grandes projetos não representam o progresso e desenvolvimento para todos como pregam; por isso ele busca conscientizar as pessoas que pensam que “o projeto é tudo aquilo de melhora, que não é verdade, né? Ele vai ser benéfico pra poucas pessoas, né? Muito... a maioria não vai se beneficiar desse projeto”.

Atualmente, existem dezenas de movimentos populares, associações de moradores, trabalhadores e centros comunitários em Barcarena que organizam e articulam milhares de atingidos pelos grandes projetos. Tocantins, por exemplo, faz parte do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR) de Barcarena; Xingu é do MAB e da Associação dos Moradores Ribeirinhos do Furo do Arrozal (AMORA); Amazonas é militante no Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM) e Tapajós no Movimento Barcarena Livre. Organizações de abrangência comunitária, local, regional e nacional que buscam fundamentalmente defender os direitos dos atingidos:

Olha, eu tenho assim uma grande vontade da gente conseguir organizar a nossa associação, pra que a gente possa ter... trazer o povo pra que o povo venha é... se juntar, pra gente poder juntar meios de como a gente se defender, porque se todo mundo espalhado, um pro lado, outro pra outro, ninguém vai conseguir nada (XINGU, 2020).

Como membros destas organizações, estes atingidos produzem-se na coletividade, compartilhando uma identidade em comum, fazendo as mesmas lutas, sonhando os mesmos sonhos e buscando as mesmas utopias. A luta popular representa, deste modo, a unidade na diversidade expressa como ação recíproca entre os indivíduos e o coletivo. Os atingidos, evidentemente, têm histórias diferentes e, em muitos casos, entram para a luta por motivos variados; dentro da organização popular, porém – no sindicato, no centro comunitário, no movimento social, na associação de

moradores – eles encontram espaço para se reconhecer na unidade de suas pautas reivindicatórias e de denúncias, uma destas diz respeito à luta pela garantia dos meios vida, isto é, das condições necessárias para sobreviverem, produzindo e reproduzindo a sua existência física e espiritual através do trabalho – da agricultura, da pesca, da coleta – tendo acesso ao rio, à água de qualidade para o consumo, etc.

A gente faz um debate, né? De respeito da importância da agricultura familiar. Porque nós fazemos parte de um sindicato que representa uma categoria de agricultores familiares, que tem uma importância muito importante, do meu ponto de vista na economia, na... na parte de... como se diz assim, na garantia né, duma... de uma atividade profissional (TOCANTINS, 2020).

É assim, a gente criou a Associação é... a gente ainda não registrou, né? A gente ainda não registrou, nós temos poucos sócios, mas o nosso objetivo é fazer algo pra melhorar a qualidade de vida dos moradores aqui, né? Em termos de moradia, alimentação, né? Produção, né? (XINGU, 2020).

A organização dos atingidos tem eminentemente um caráter classista, pois congrega trabalhadores e trabalhadoras, sejam agricultores familiares, sejam trabalhadores urbanos dos mais diversos seguimentos. Um dos aspectos centrais das suas lutas, deste modo, está relacionado à defesa do seu direito mais essencial enquanto trabalhadores: o direito ao trabalho; e não apenas ao trabalho, como também às condições para poder trabalhar, isto porque eles são trabalhadores que também são atingidos, e é como atingidos que eles se veem violados enquanto trabalhadores quando têm as suas práticas tradicionais de subsistência inviabilizadas pela ação destrutiva dos grandes projetos sobre o meio ambiente. Antes de serem atingidos, portanto, todos são trabalhadores, e por terem os seus modos de vida transformados como trabalhadores, eles foram produzidos como atingidos pelos grandes projetos.

Considerando o caráter antagônico em que se estabelece o processo de resistência dos atingidos, tendo em vista que estes, como trabalhadores, têm interesses que divergem de modo oposto e inconciliável com os interesses dos grandes projetos, uma das formas principais de luta empreendida tem se configurado, historicamente, como a pressão popular através de manifestações, atos, caminhadas e denúncias públicas dos crimes cometidos pelas empresas presentes em Barcarena. Neste processo, forjaram-se lideranças na região que obtiveram algumas conquistas. Tocantins (2020) conta a história de uma dessas lutas:

No princípio nós fizemos uma denúncia quando teve a fuligem da Albras; ela descia lá no Conde, que as casas ficavam todas cheias daquela fuligem, né? Que houve a destruição de toda a pupunha... pupunhais do pessoal do cupuaçu. Nós fizemos um movimento; fomos pra Belém – inclusive com parceria com a Universidade Federal – fazer a denúncia nos meios de comunicação, nas rádio, televisão, jornal. [...] Aí as empresas, elas botaram uma espécie de uma... de um... elas trocaram os... como é que diz? Os crivos lá do... das chaminés, né? Que era por lá que passava, aí deu uma melhorada nesse processo.

Tocantins narra a história de uma luta motivada por um crime cometido pela Albrás, que afetou o meio ambiente e as produções de pupunha da comunidade tradicional Cupuaçu. Nessa luta, os atingidos foram até Belém denunciar a chuva de fuligem que cobriu Vila do Conde. Como conquista, as empresas trocaram os crivos das suas chaminés – que duraram apenas 10 anos, pois em 2003 houve a formação de uma nova chuva de fuligem sobre a região.

Mais uma vez, fica evidente que a luta é o principal meio de assegurar conquistas e garantir direitos para os atingidos. Porém, ao mesmo tempo em que os atingidos constituíram suas organizações e foram, aos poucos, aprimorando os seus métodos de luta, os grandes projetos também cresceram, se multiplicaram e exacerbaram as contradições e transformações sobre os modos de vida da população barcarenense. Como diz Amazonas (2021): “eles vão acabando com tudo e hoje os grandes projetos, a gente vê que eles já se colocaram, né? Já tão dentro, muitos anos dentro da área e tá vindo muito, a gente sabe”. Deste modo, visando fortalecer a resistência para dar continuidade aos enfrentamentos, os atingidos estabelecem alianças e fazem articulações entre as suas organizações e outras que não necessariamente são de Barcarena ou aglutinam atingidos, pois “são lutas que a gente vai se juntar com outros companheiro, com outros parceiro, com outras comunidades e com quem quiser vir pra luta com a gente, entendeu?” (ibidem).

Temos hoje o Ministério Público Federal; a Defensoria Pública; nós temos a Universidade, alguns parceiros lá dentro da UFPA. Nós temos... qual é o outro parceiro que a gente tem? A gente tem a Malungo, que é a Associação da Coordenação das Comunidades Remanescentes Quilombolas do Pará. A Malungo é muito parceira com a gente. A FASE. Então são parceiros que a gente tem hoje (TAPAJÓS, 2021).

As alianças, os parceiros são também uma forma encontrada pelos atingidos para dar maior legitimidade às suas lutas e, ao mesmo tempo, para darem visibilidade às suas ações tendo em vista a construção de uma narrativa diferente da que recorrentemente é feita pela mídia, pelas empresas e até mesmo pelo Estado. Os grandes projetos, por terem os seus interesses – de expansão produtiva, aquisição de novas áreas, leviandade com o meio ambiente – a todo o momento confrontados com os interesses da maioria dos atingidos – defesa dos seus territórios, preservação de seus meios de vida, de sua saúde, cultura e práticas tradicionais – eles tentam, a todo momento, criminalizar as lutas dos atingidos e deslegitimá-las com alegações diversas. Em muitos casos, o Estado segue esta mesma linha – por estar alinhado aos interesses das multinacionais – e, conseqüentemente, os meios de comunicação hegemônicos vendem histórias que contradizem a realidade dos fatos.

Esse movimento ideológico, comandado pelos representantes dos interesses da classe dominante, tem profundas e graves conseqüências na realidade material dos atingidos. Uma delas é o

conflito, a cisão e a disputa entre os próprios atingidos, o que tende a enfraquecer a luta pelos seus direitos. Segundo Tocantins (2020):

As pessoas não confiam mais. Hoje tá criminalizada a política; tá criminalizado os movimentos sociais; sindicatos, associações, cooperativas. “Todo mundo é safado. É... que tá aqui é comunista, é gente que num quer o bem, que pensa... que quer o mal, que não quer o desenvolvimento... esse pessoal não presta, né? Nós temos que acabar!”. Então o pessoal: “Ah é do sindicato, é da associação. Esses são um bando de saf...”. E isso vai pegando; porque a gente tem visto assim que é tipo uma contaminação que vai passando, né? De um pro outro e vai minando.

A análise feita por Tocantins demonstra que a criminalização da luta dos atingidos está imersa no processo mais amplo de criminalização da política e dos movimentos sociais. No meio do povo, difundem-se histórias sobre as lideranças populares que as retratam como safadas, corruptas e não confiáveis. Nas palavras de Amazonas (2021): “o que eu acho é que a gente é muito tachado de... chamado de vagabundo, de que não tem o que fazer, de ficar ganhando dinheiro alheio, entendeu?”. Esse processo coloca os atingidos em luta uns contra os outros, forçando-os a desviarem do foco central da luta contra os grandes projetos para resolverem os seus conflitos internos – “Eles sempre distorce a nossa palavra, sabe? Eles distorce. Então é uma coisa que eu vivo em luta com o povo. Assim, não com o povo... não com o meu povo que me apoia, mas com o povo que é o contrário nosso, né?” (ibidem).

Historicamente, as promessas de emprego e crescimento econômico associados às grandes empresas provocam divisões entre os atingidos, pois são muitos os que acreditam nestas oportunidades. Porém, a história e o relato dos atingidos já vêm demonstrando que, para os moradores das comunidades – que perdem o seu território, seus meios e modos de vida tradicionais – as poucas vagas que lhes são destinadas são para ocupar os postos mais precarizados de trabalho. Ainda assim, uma parcela considerável dos atingidos continua acreditando nos empregos, posicionando-se em oposição àqueles que lutam contra os grandes projetos:

Quem disse que a gente conseguiria tirar uma Hydro daqui? Aí é pedi pra morrer. Porque o povo... Porque a Hydro ela dá emprego pra várias pessoas, né? Ela mesmo, mas tem a terceirizada que emprega peão; e esse peão, sabendo que a empresa vai acabar e sabendo de onde vem... é isso. Isso porque naquele, lá em 2018, foi quebrado vários contrato por causa daquele crime ambiental, né? A gente já sofreu ameaça, imagine se uma empresa dessa saí (AMAZONAS, 2021).

Os conflitos, disputas, cisões e desconfianças entre os próprios atingidos são fatores que enfraquecem as suas lutas, mas também são elementos constituintes do modo como eles são produzidos. Da intercessão entre as lutas que se articulam, dos atingidos uns contra os outros e destes contra os grandes projetos, envolvidos com suas alianças e na disputa pela forma como são representados, produzem-se: atingidos que se reconhecem como tais e outros que não reivindicam

esta identidade; atingidos que se organizam e lutam contra os grandes projetos e outros que defendem as empresas e denunciam a ação dos primeiros; atingidos que lutam contra atingidos e outros que, apesar de lutarem para sobreviver, não lutam nos termos aqui colocados. Contudo, todos e todas são atingidos, pois independente da luta que façam – ou não façam – se contra as empresas ou entre si, o que fazem ou deixam de fazer e da forma como é feito, é um produto das transformações provocadas pelos grandes projetos em seus modos de vida.

Tocantins se angustia por aqueles que preferem a morte ao acharem que o grande projeto é a solução. Esta morte é tanto física quanto espiritual, é tanto objetiva quanto subjetiva, pois significa não apenas a conformação às condições adoecedoras e impróprias à sobrevivência impostas pelos grandes projetos, como também a abdicação da esperança, de uma história e de uma cultura, a descrença na mudança e a ilusão em falsas promessas.

Do mesmo modo, a morte é um espectro que assombra também aqueles que resistem, que não se iludem e não se deixam enganar, que acreditam, sonham e almejam a construção de uma nova realidade. Para Amazonas, se os atingidos conseguissem tirar a Hydro de Barcarena seria pedir para morrer, pois pela luta que fazem, as lideranças já são a todo momento confrontadas com ameaças de todos os tipos: “Eu acredito que por isso que deram os tiro aqui em casa, entendeu? É justamente por causa disso que aconteceu isso. Porque a gente.... A gente luta por uma coisa não só pra gente, mas pra comunidade” (AMZONAS, 2021).

Para estes, porém, a morte não significa esquecimento, muito menos derrota, pelo contrário, a morte é igualmente um nascer para a luta, pois a memória daqueles que tombam se torna força no coração daqueles que permanecem lutando:

A gente sabe que não é de hoje, mas há muitos anos, aqui não, mas em outros estados essa luta continua. Vejo nossos companheiros lá de Minas Gerais, do Ceará, da Bahia; eles são um povo que tão em luta, que tão enfrentamento. Imagine é.... Os povos indígena que vivem uma luta que é.... É uma luta que é com sangue, né? [...] É claro que pro movimento social não é esquecido, que a gente vê que todo ano, por exemplo, aqueles da curva do S, né? Lá em Marabá são lembrados. A Dona Maria, o Seu José; são lembrados, né? Que era... são lembrados. Então muitos outros são lembrados, mas.... E isso fortalece a luta da gente hoje. Mas poxa, será que a gente vai ter que morrer... um dos nossos ter que morrer hoje pra gente poder conseguir alguma coisa? (AMAZONAS, 2021).

Amazonas fala dos povos indígenas, que fazem uma luta que é com sangue; lembra dos 19 militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) assassinados na Curva do S, em Eldorado dos Carajás (PA) em 17 de abril de 1996 e do casal José Claudio e Maria do Espírito Santo, trabalhadores agroextrativistas e ativistas ambientais assassinados em Nova Ipixuna do Pará no ano de 2011. Eles seguem presentes, inspirando e reafirmando o sentido das lutas atuais. Como eles,

os atingidos são feitos de carne, osso e sangue e podem, portanto, morrer; mas eles são feitos, também, de lembranças, memórias e aprendizados de resistência – eles são feitos de luta.

4 CONCLUSÃO

Os grandes projetos implementam a estratégia do capital na Amazônia, através da exploração intensiva de suas riquezas voltada à produção de valor nos circuitos mundiais do capitalismo financeirizado. Como consequência material e direta de sua atuação, no entanto, eles produzem também milhares de pessoas como atingidos e atingidas. Mas esta produção não ocorre como simples acaso, pelo contrário, ela se dá na determinação recíproca de várias esferas que se articulam, envolvendo ao mesmo tempo a objetividade e a subjetividade, a economia e a ideologia, as dimensões macro e microestruturais da realidade.

Destacamos com nosso estudo, porém, que os atingidos também são sujeitos da sua produção, pois ao resistirem e lutarem contra os grandes projetos, eles transformam e produzem a realidade, transformando e produzindo, portanto, a si próprios. A produção dos atingidos ocorre na medida em que têm os seus modos de vida transformados enquanto trabalhadores, enquanto ribeirinhos, agricultores familiares, descendentes indígenas e quilombolas; enquanto membros e lideranças de movimentos sociais, de associações de moradores e sindicatos; nas manifestações que realizam contra os crimes ambientais praticados pelos grandes projetos, em suas denúncias e reivindicações; em seus modos de analisar, compreender e intervir na realidade; nos conflitos e tensões entre eles; em suas articulações políticas; em sua luta, constante e cotidiana, em defesa da vida, dos seus territórios e recursos naturais.

Se os grandes projetos representam, de um lado, a força destruidora do capital, sobre a natureza e sobre a vida das pessoas, os atingidos, por outro lado, representam a força criadora e transformadora na coletividade e, ao mesmo tempo, na afirmação das individualidades e subjetividades. A análise sobre o modo como são produzidos os atingidos por grandes projetos em Barcarena, no contexto mais geral da Amazônia, dando a ênfase necessária aos seus processos de luta e resistência, pode contribuir, sem dúvidas, para a formulação e implementação de políticas públicas para a região, que consideram um conceito amplo de atingidos e estejam, de fato, voltadas à garantia dos direitos das pessoas, povos e comunidades atingidas.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. Contradição e Sobredeterminação (notas para uma pesquisa). In: ALTHUSSER, Luis. **A favor de Marx**. Título original *Pour Marx*. Trad. Dirceu Lindoso. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- AMAZONAS. **Entrevista III**. [mar. 2021]. Entrevista concedida a Robert Damasceno Monteiro Rodrigues. Barcarena, 2021.
- BECKER, Berta K. **Amazônia**. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- BOGO, Ademar. **Identidade e luta de classes**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- CARMO, E. D. Nunca foram acidentes, sempre são desastres e crimes: narrativas, disputas e resistências na zona de sacrifício de Barcarena. In: **Revista Debates Insubmissos**, Caruaru, PE. Brasil, Ano 3, v. 3, n.8, jan./abr, p. 96-125. 2020.
- CASTRO, Edna. Estratégias de expansão territorial de empresas minerais na Amazônia e desastres socioambientais. In: CASTRO, Edna.; CARMO, E. C. (orgs.). **Dossiê desastres da mineração em Barcarena**. Belém: NAEA: UFPA, 2019. p. 17-32.
- CHAGAS, Eduardo F. O pensamento de Marx sobre a subjetividade. In: **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 36, n. 2, p. 63-84, Maio/Ago., 2013.
- CMB/ONU. **Barragens e desenvolvimento: um novo modelo para tomada de decisões. Um sumário**. Relatório da Comissão Mundial de Barragens, Trad. de Carlos Afonso Malferrari, novembro de 2000. Disponível em: https://www2.mppa.mp.br/sistemas/gcsubsites/upload/41/cmb_sumario.pdf. Acesso em: 15 nov. 2020.
- FEARNSIDE, Philip. Exploração Mineral na Amazônia brasileira: o custo ambiental. In: CASTRO, Edna.; CARMO, E. C. (orgs.). **Dossiê desastres da mineração em Barcarena**. Belém: NAEA: UFPA, 2019. p. 33-40.
- FMI. **World Economic Outlook: A Long Difficult Ascent**. International Monetary Fund. Washington, DC, October, 2020. Disponível em: <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2020/09/30/world-economic-outlook-october-2020>. Acesso em: 12 jan. 2021.
- FOSCHIERA, Atamis Antonio. **Da barranca do rio para a periferia dos centros urbanos: a trajetória do movimento dos atingidos por barragens face às políticas do setor elétrico no Brasil**. Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente: [s. n.], 2009. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/105035>. Acesso em: 12 mar. 2021.
- HARVEY, David. **O Novo Imperialismo**. Trad. Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- HAZEU, M. T.; RODRIGUES, J. C. Capitalismo financeirizado e acumulação por despossessão na Amazônia: a mineradora Imerys em Barcarena, Nordeste do Pará. **Foz, São Mateus**, ES, v. 2, n. 1, p. 86-119, 2019.
- LANE, Silvia Tatiana Maurer. A Psicologia Social e uma nova concepção de homem para a psicologia.

In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (orgs.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. 8. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989, p. 10-19.

LEAL, Aluizio Lins. A(s) resistência(s) ao grande projeto na Amazônia. **Revista de Políticas Públicas**, São Luís, número especial, p. 85-103, novembro de 2016.

MAB. **O lucro não vale a vida: análise do MAB sobre o crime da vale em Brumadinho/MG**. São Paulo: Movimento dos Atingidos pro Barragens, 2019.

MAB. **A organização dos grupos de atingidos e atingidas. A força da organização**. Movimento dos Atingidos por Barragens, Secretaria Nacional do MAB. São Paulo, 2021.

MAB. **Política nacional de direitos das populações atingidas por barragens**. Movimento dos Atingidos por Barragens, Secretaria Nacional do MAB. São Paulo, 2013.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. Hacia una psicología política latino-americana. Trad. LACERDA JR, Fernando. **Psicologia Política Latino-Americana. Psicologia Política**, v. 13, n. 28, set.-dez., 2013, p. 555-573.

MARX, Karl; Engels, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Trad. Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. In: BOGO, Ademar (org.). **Teoria da Organização Política: escritos de Engels, Marx, Lênin, Rosa, Mao**. 2. ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 83-126.

MARX, Karl. O 18 Brumário de Luis Bonaparte. In: MARX, Karl. **A revolução antes da revolução**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MIGUEL, Luis Felipe. **O colapso da democracia no Brasil: da constituição ao golpe de 2016**. 1. ed. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, Expressão Popular, 2019.

PALHETA, Rosiane Pinheiro. **Movimentos sociais e reivindicações populares em torno das empresas de transformação mineral em Barcarena: um estudo da atuação das associações de moradores e trabalhadores rurais**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Curso Internacional de Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento, Belém, 2005.

PENIDO, Flávio. **Setor mineral prevê ser o 1º a responder pela recuperação econômica do Brasil**. [Entrevista Concedida a] Marta Nogueira. [S.], Reuters, 19 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/mineracao-ibram-corona-idBRKBN22V2VG-OBRBS>. Acesso em: 12 jan. 2021.

SIMINERAL. **Relatório de Atividades 2020**. Sindicato das Indústrias Minerárias do Pará. Casa da Mineração, Belém, 2020. Disponível em: <https://simineral.org.br/pdf/relatorios/Relatorio-Simineral-2020.pdf?v=1>. Acesso em: 11 set. 2021.

TAPAJÓS. **Entrevista IV**. [mar. 2021]. Entrevista concedida a Robert Damasceno Monteiro Rodrigues. Barcarena, 2021.

TOCANTINS. **Entrevista I.** [dez. 2020]. Entrevista concedida a Robert Damasceno Monteiro Rodrigues. Barcarena, 2020.

VAINER, Carlos Bernardo. Conceito de “atingido”: Uma revisão do debate. *In*: ROTHMAN, Franklin Daniel. **Vidas Alagadas – Conflitos Socioambientais, Licenciamento e Barragens.** Viçosa, MG: Ed. UFV, 2008, p.39-63.

VAISMAN, Ester. Marx e Lukács e o problema da individualidade: algumas aproximações. **Perspectiva**, Florianópolis, vol. 27, n. 2, jul./dez. 2009, p. 441-459.

XINGU. **Entrevista II.** [dez. 2020]. Entrevista concedida a Robert Damasceno Monteiro Rodrigues. Barcarena, 2020.